

Por uma epistemologia da espontaneidade: uma reflexão sobre o lugar do psicodrama nas matrizes do pensamento psicológico

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre os aspectos epistemológicos do Psicodrama de Jacob Levy Moreno (1889-1974). Por meio das matrizes do pensamento psicológico sistematizadas por Luís Claudio Figueiredo, efetuar-se-á uma reflexão sobre o conceito de espontaneidade, buscando entender em que medida a espontaneidade rompe com o atomismo e o mecanicismo e com o modelo de ciência do Iluminismo, articulando-se com o Romantismo. Por fim, situar-se-á o Psicodrama dentro da matriz fenomenológica e existencialista.

Palavras-chave: espontaneidade; psicodrama; matrizes do pensamento psicológico

1 INTRODUÇÃO

A busca do conhecimento puro e isento de subjetividade marcou a era conhecida como modernidade. Francis Bacon e René Descartes são colocados como figuras demarcatórias desse processo de purificação do conhecimento revestido de total vigilância contra as vivências perceptivas, as experiências afetivas e as inclinações pessoais que pudessem contaminar o objeto de estudo. Essa proposta epistemológica pressupõe que é possível e necessário o autocontrole, o autoconhecimento e a “disciplina do espírito” a fim de deter os efeitos da atuação da subjetividade. Aos poucos, pelo menos no campo das ciências humanas, viu-se que uma total purificação seria bastante discutível e, caso não se desejasse abrir mão disso, seriam necessários métodos e objetos aos moldes das ciências naturais (Figueiredo, 1991).

A Psicologia entra nesse cenário reclamando independência quanto às demais ciências e, para tanto, ou abdicava do seu caráter científico e assumia seu objeto – a vivência subjetiva e a singularidade do sujeito – ou frequentaria uma proximidade das ciências biológicas e da fisiologia a fim de realçar o seu caráter científico, abdicando, assim, das vivências subjetivas devido ao seu caráter indócil ao campo da neutralidade, regularidade e previsibilidade do contexto científico (Figueiredo, 1991).

Elementos de atomismo e mecanicismo tiveram repercussão dentro da história das ideias psicológicas. O sujeito era visto como passivo,

Daniel Mattos de Araújo Lima
Doutor em Educação pela Universidade
Federal do Ceará.
ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7790-1160>.

Selênia Maria Feitosa e Paiva
Mestre em Educação pela Universidade
Estadual do Ceará. Docente do Centro
Universitário Christus (Unichristus).
Fortaleza – CE – BR.
ORCID iD <https://orcid.org/0009-0009-4595-0900>

Autor correspondente:
Daniel Mattos de Araújo Lima
E-mail: daniel.lima@unichristus.edu.br

Submetido em: 14/07/2023

Aprovado em: 05/09/2023

Como citar este artigo:

LIMA, Daniel Mattos de Araújo; PAIVA, Selênia Maria Feitosa e. Por uma epistemologia da espontaneidade: uma reflexão sobre o lugar do psicodrama nas matrizes do pensamento psicológico. **Revista Interagir**, Fortaleza, v. 18, n. 124, p. 36-38, out./dez. 2023.

a “folha em branco” ou a “tábua rasa”, receberia impressões do meio externo, e seu comportamento não era dotado de intencionalidade. São movimentos de puro reflexo originários de estímulos do ambiente que promoviam respostas passivas. A transferência da virtude da máquina era incorporada ao ser humano, arrancando-lhe a cognição, os afetos, a espontaneidade e as motivações.

Em outros contextos, podia-se notar a influência dessa visão mecanicista de ser humano. No campo do trabalho industrial, via-se que a produção do trabalhador era, cada vez mais, controlada pela decomposição das tarefas em tempos e movimentos com fins de redução dos movimentos inúteis, seguindo o modelo taylorista. O resultado era a separação entre o trabalho intelectual e o físico, conduzindo o ser humano à proximidade da eficiência robotizada, com sério comprometimento para a sua espontaneidade, criatividade, consciência crítica e realização dentro da sua atividade laboral.

O psicodrama de Moreno vai se contrapor a essa transformação do ser humano em robô que cristaliza a vida, o processo criativo e bloqueia a espontaneidade. Essa repetição mecânica das atividades ocasiona a rigidez dos afetos, dos desejos e das relações, revelando o encurtamento das potencialidades e possibilidades criativas de atuação no mundo de forma crítica e consistente.

Moreno procurava o *locus* fundamental e originário das dores da alma, buscando recuperar o ser criativo, o gênio perdido nas psicopatologias e nos rótulos da

Psiquiatria. Esse “berço” se revelava na experiência do teatro dramático de Viena denominado *Komoedien Haus*. A ousadia de Moreno, em profundo contato com o momento histórico de instabilidade da Viena pós-guerra, não foi entendida pela imprensa da época: não havia atores, e o palco estava vazio. Só restava uma poltrona de pelúcia vermelha como o trono vazio de um rei a convidar o público para se tornar elenco e experimentar possibilidades de transformações em um momento histórico de crises e instabilidades. Moreno (1997, p. 50) lamenta: “Quando o espetáculo terminou, verificou-se que ninguém havia se considerado digno de tornar-se rei e o mundo continuou sem líderes”.

Nessa perspectiva, o psicodrama se colocava no seio de uma contracultura e de uma transgressão que acolhia as prostitutas, os presos, as crianças, dando-lhes espaço para imaginar e criar as próprias histórias individuais. Os cenários eram os mais próximos possíveis da realidade. Moreno buscava a expressão humana nesses lugares e a novidade contínua dos seus atos, conferindo-lhes significado e produzindo mudanças.

O improviso, a surpresa, a novidade na busca do ator criador movia o psicodrama em direção a uma desautomatização do ser humano, encarcerado por uma estrutura capitalista burocratizante. As máquinas e o investimento maciço na produção exigiam o máximo de trabalhadores cada vez mais robotizados e isolados em uma rotina adocedora.

O resgate da função da espontaneidade e da criatividade

surge assim como condição de desbloqueio do movimento psíquico, favorecendo ações significativas dentro da singularidade do ser humano. Dessa forma, a construção da personalidade se dá justamente no incremento de papéis criativos, fazendo emergir novas dimensões do eu tangível à medida que se expressa e se comunica em uma ação-reflexão-ação que lança novas bases para a existência.

Moreno bebe da fonte do Romantismo, movimento ocorrido na Europa do século XVIII e início do século XIX que captura o universo das transformações, das criações, do conflito entre forças antagônicas, das totalidades expressivas. Exaltando a expressividade autêntica do gesto e de suas qualidades simbólicas, faz surgir uma forma de tratamento que concebe o ser humano como um gênio em potencial. Assim, o Romantismo instaura a problemática da expressão humana em um mundo tomado pela perspectiva iluminista que produzia incansavelmente a dicotomia sujeito-objeto, corpo e mente, razão e vida. A busca de um sujeito neutro na apreensão de um conhecimento válido aos moldes das ciências naturais culminou em uma total negação da subjetividade na produção do conhecimento.

O que o Romantismo veio propor, em termos epistemológicos, foi uma identidade entre sujeito e objeto, e não sua separação. Isso produz mudanças em termos metodológicos, pois se buscava agora não mais dissecar os objetos e neutralizá-los a todo custo, mas sim compreendê-los em sua expressão global em que o todo não é a mera soma das partes, mas

um fenômeno que revela uma multiplicidade de mensagens a serem comunicadas, interpretadas e compreendidas. Nesse sentido, Moreno (1997, p. 37) afirma:

No psicodrama, em particular a espontaneidade opera não só na dimensão das palavras, mas em todas as outras dimensões da expressão, como a atuação, a interação, a fala, a dança, o canto e o desenho. A vinculação da espontaneidade à criatividade foi um importante avanço, a mais elevada forma de inteligência que temos conhecimento, assim como o reconhecimento de que ambas são as forças primárias no comportamento humano.

O psicodrama, por meio da atividade lúdica e da arte, permite a exploração do corpo como um campo de vivências que vão ao palco, presentificando-se e expressando para os olhares do outro (plateia) e por meio do outro (egos auxiliares). É o ser humano em contato com suas escolhas, com seu projeto existencial que se recria em direção ao futuro e vivencia a mudança no aqui-agora compartilhado com o outro. O outro se constitui na pedra angular fundamental na ressignificação da experiência na medida em que dialoga, confronta, resiste, muda com o eu na produção de um self transformado. Nesse sentido, existe uma necessidade importante do ponto de vista do psicodrama enquanto método psicoterápico de reestruturar a consciência no âmbito de todas as motivações que a cercam, a fim de dissecar o máximo possível o fenômeno em todos os seus desdobramentos que se dão em uma sessão psicodramática. As imagens, palavras, sensações, os sentimentos devem chegar

ao psicodramatista por relações significativas da experiência dentro dos parâmetros de uma intersubjetividade. É nessa perspectiva fenomenológico-existencial que se situa o psicodrama.

REFERÊNCIAS

- FIGUEIREDO, Luis Claudio. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1997.